

Bandas de música de imigrantes italianos e os discursos nacionais

COMUNICAÇÃO ORAL

Nome do autor: Alexandre José de Abreu

Instituição: Unesp

e-mail: <alexandreabreu20@hotmail.com>

Apoio: AFPU-Unicamp

Resumo: Durante a segunda metade do século XIX, a cidade de Campinas recebe um grande número de imigrantes italianos. No intuito de substituir a mão de obra escrava um projeto oficial de imigração se institui no país. Chegando ao país a comunidade italiana em Campinas organiza bandas de música que terão um papel de destaque em apresentações e na formação de músicos na região. O objetivo do presente trabalho é o de analisar a trajetória destas corporações e seu papel na construção do discurso nacional tomando por base as obras de Norbert Elias e Benedict Anderson.

Palavras-Chave: Bandas de música. Campinas. Imigrantes italianos. Século XIX, Musicologia histórica.

Italian immigrant music bands and the national discourse

Abstract: During the latter half of the twentieth century, the city of Campinas received a large number of Italian immigrants. With a view to replacing slavery labor, an official project of immigration was introduced in the country. When they arrived in the country, the Italian community that went to Campinas would organize music bands that played an important part in presentations and in the education of musicians in the region. This paper aims at analyzing the path taken by these companies and the role they had in the construction of the national discourse that, by taking the works of Norbert Elias and Benedict Anderson as bases.

Keywords: Music bands. Campinas. Italian immigrants. Twentieth century. Historical musicology.

‘Andiamo in *Mérica*’

A partir de 1870 uma política oficial de imigração se estabelece no Brasil. Imigrantes oriundos da Itália veem ao país em busca de oportunidades e embasados por um plano oficial. Neste período, milhares de italianos chegam ao país na confluência de interesses dos governos italiano e brasileiro.

Pelo lado italiano as tensões relativas à crise e ao desemprego parecem fomentar o deslocamento humano no sentido de, ao menos, dirimir o impacto destes. Já pelo lado brasileiro, o crescimento da economia cafeeira, alicerçado na mão de obra escrava¹, parece ter sido o principal fator. Tendo como dilema a substituição efetiva da mão de obra servil por uma assalariada, sem, contudo, interromper o fluxo de produção, em poucas palavras, trocar a roda da carruagem, tendo a mesma em movimento.



Figura 1: Grupo de imigrantes italianos festeja em uma fazenda de Campinas o aniversário do rei da Itália, Vitorio Emanuel III.

Fonte: (Junior, 1970).

¹ O regime escravocrata já se encontra em crise neste período tanto pelo questionamento abolicionista cada vez mais crescente, quanto pela proibição (1850). Esta teria onerado os produtores que dependeriam quase sempre da obtenção de altos créditos bancários e estariam sempre expostos à perdas (Cenni, 2003).

No período em questão, a região de Campinas² iria receber boa parte destes imigrantes, pessoas dispostas a uma viagem transoceânica, incerta e muitas vezes atraídas por perspectivas ilusórias, ainda que oficiais, como as do cartaz abaixo³ exageradamente otimista e que fez parte da propaganda oficial na Itália:



Figura 2: Cartaz de propaganda oficial do projeto de emigração.

Fonte: (ABREU, 2010).

Chegando à Campinas estes imigrantes teriam a possibilidade de integrar uma das bandas de música existentes. Durante o período, dezenas de bandas de música se desenvolveram na cidade, seguramente embasadas pelo crescimento econômico do café, mas, igualmente, pelo destaque que Antonio Carlos Gomes (1836-1896) conferia a cidade e à atuação diligente de seu irmão, José Pedro de Sant’Anna Gomes (1834-1908).

² Epicentro da cultura cafeeira.

³ O texto diz: “Na América: Terra no Brasil para os italianos. Navios saindo toda a semana do porto de Gênova. Venha construir os vossos sonhos com sua família. Um país de oportunidades. Clima tropical e vida em abundância. Riquezas minerais. No Brasil você poderá ter o seu castelo. O governo dá terra e ferramentas a todos” (ABREU, 2010).

Três bandas de imigrantes italianos se formaram na cidade, a saber, a Banda Italiana de Luiz di Tullio que se destacou na cidade, a Banda Romana e a Ítalo-Brasileira. A atividade destas foi intensa, tanto organizando socialmente o imigrante recém-chegado como apresentando, ao restante da sociedade, sua cultura. Páteo descreve o momento:

Vários deles trouxeram em meio sua bagagem, instrumentos e conhecimentos musicais, tornando-se professores e mestres de música com grande prestígio na cidade, além de fundadores e maestros de bandas de música. Não raro chegava da Itália algum parente de um dos músicos e acabava se agregando a Banda de seus patrícios, trazendo muitas vezes novidades de repertório e de estilo (Páteo, 1997, p.129).

O texto de Páteo parece destacar a importância destes imigrantes na formação de músicos no período, com destaque para sua atuação didática. Contudo, a mesma autora comenta que não poucas vezes a chegada de músicos estrangeiros era recebida com hostilidade e casos de músicos italianos hostilizados eram relativamente comuns⁴.

Neste ponto, nossa pesquisa se desenvolve não apenas no sentido de verificar o efetivo desenvolvimento destas corporações, porém, o de analisar a dinâmica das relações de poder explícitas em sua atividade. Algo além da didática musical, um recorte social das dinâmicas de poder efetivadas através destas corporações musicais.

Neste sentido, Norbert Elias nos apresenta o modo como uma dada sociedade reclama para si a primazia sobre outra tendo por base seu domínio anterior do território. A hostilidade ao músico estrangeiro (no caso italiano) tem relação com a dinâmica de poder explícita em seu 'Os estabelecidos e os outsiders' (Elias, 2000).

Ao analisar as relações de poder entre um pequeno grupo já estabelecido e o recém-chegado grupo de estrangeiros, Elias nos apresenta a fragilidade dos discursos que estabelecem a *distinção* entre determinados grupos sociais. Seria a aristocracia o conjunto

⁴ Para exemplificar as hostilidades para com italianos Páteo destaca nota da Gazeta de Campinas: "A imprudência policial já passou dos limites; não se pode mais encontrar com os praças sem provocações. Há dias uma d'essas praças, junto da cadeia avistando um italiano que andava tratando de seus negócios no Largo da Matriz Velha, bradou entre as infernaes gargalhadas de outros cinco policiais e um burguês: 'temos que matar tudo quanto é italiano, tudo' (...) Além da provocação há um insulto nacional (...) Como nunca as reclamações dos italianos são attendidas, leva-se este fato perante o público para que elle veja se o tal valentão tem direito à cruz de comendador ou do martírio (...) Os soldados sentem-se animados em seu caminho de aggressões para com os italianos (...) (Gazeta de Campinas, nº 1188, 24/11/1877)".

mais elaborado destes discursos *distintivos*, para usar a terminologia bourdieana, restando ao todo da sociedade, incluindo o músico de banda, duplicar os mesmos em seus respectivos territórios.

Para uma análise ampla desta dinâmica cabe lembrar que contemporaneamente à atividade das bandas de música enquanto atividade de lazer edificante e do processo migratório, nós temos a construção dos discursos nacionais embasando seus respectivos Estados. Na segunda metade do século XIX, aquilo que Benedict Anderson chamou de ‘estados imaginários’ foi a legitimação de uma imagem construída de nacionalidade, efetivada exatamente através destes dispositivos culturais. O deslocamento humano das imigrações e a atividade das bandas de música não são apenas fatos coincidentes temporalmente, porém, argumentos comuns a uma mesma lógica discursiva.

A lógica discursiva de Anderson se desenvolve por antinomia, ou seja, a nação e seus símbolos se definem pela oposição que oferecem frente às outras. Neste sentido, cada detalhe assume uma importância cabal, uma vez que faz parte de uma cadeia de símbolos distintivos única.

Para o músico italiano recém-chegado ao Brasil cada idiossincrasia é um passo simbólico importante sob duas frentes opostas e, ao mesmo tempo, associadas. O repertório que traz de seu país, sua técnica específica, a língua, ou seja, todas suas particularidades são ao mesmo tempo obstáculos e ferramentas no processo de passagem de ‘outsider’ para ‘estabelecido’.

É importante frisar que ao mesmo passo em que constatamos a resistência, sob a forma de hostilidade, podemos verificar admiração. Maurício Monteiro nos fala da predominância de compositores italianos, um traço específico da corte brasileira e ainda que falando de um período anterior, seguramente teria sua validade:

A predominância de compositores italianos sobre os portugueses durou quase toda a metade do século XVIII. Para os ouvintes (no Brasil), fosse nos teatros da corte ou nos teatros públicos, ficou uma certa familiaridade com o estilo e com os compositores que vinham sendo tocados e ouvidos desde 1750 em Lisboa. Seria mais difícil para os compositores portugueses serem aceitos pelo público, e pior seria se não se adequassem ao estilo operístico italiano (Monteiro, 2001, p.72).

E ainda, Cenni acrescenta que a latente supremacia italiana no campo da música passaria por três razões: o caráter específico de sua música, a afinidade de brasileiros para com esta e a expressiva presença de italianos no país.

O impacto do processo migratório italiano à região de Campinas teria desdobramentos culturais complexos que não podem ser respondidos pela mera afirmação da hostilidade e atuação da comunidade na forma de resistência ou da afirmação de sua adaptação através de um gosto e recepção anteriores.

Da mesma maneira o número de pessoas envolvidas no processo foi suficientemente grande para garantir expedientes culturais extra musicais⁵ e tirar da atividade das bandas de música qualquer possibilidade de exclusividade neste processo.

Contudo, é importante verificar que a imigração italiana para a região não trouxe apenas bons professores de música e mestres de banda, mas, igualmente, contribuiu para dispersão de seu discurso nacional. Discurso polivalente, onde sua efetivação se dá menos pela soma das culturas envolvidas que pela diminuição das mesmas. O exercício do discurso nacional que propõe não a falência das nacionalidades como tais, mas ao menos seu sucesso como parcial. Tal como na guerra, luta e espetáculo ao mesmo tempo. Nas bandas de música italianas, a luta por sua efetivação frente aos ‘estabelecidos’ e o espetáculo de sua integração junto à sociedade.

Considerações finais

Ao falar dos movimentos migratórios, Hobsbawm acentua a posição por vezes defensiva à qual o imigrante se via exposto, uma atitude de preservação frente a um inimigo comum:

O imigrante típico, amontoado com seus iguais em um lugar estranho que o havia recebido de forma fria (...) voltava-se naturalmente para o único

⁵ A revista ‘A Onda’, que circulava na segunda metade do século XIX em Campinas, possuía, por exemplo, um caderno inteiro escrito em italiano.

agrupamento humano que lhe era familiar e que podia ajudá-lo, a companhia dos compatriotas (...) A primeira geração de imigrantes, por mais zelosa que fosse ao tentar aprender as técnicas da nova vida, terminava por viver num gueto auto-imposto, apoiando-se nas velhas tradições, nos seus semelhantes e nas memórias do antigo país, que tinha abandonado tão prontamente (Hobsbawn,1996).

Podemos encontrar alguns reflexos deste panorama no impacto da imigração italiana em Campinas, e em certa medida relacionar esta atitude à atividade das bandas de música italianas. Apresentá-las como local de encontro entre compatriotas, de resistência cultural e mútuo apoio. Contudo, é importante não menosprezar o quanto tiveram de relacional com o todo da sociedade e aqui é ponto central do trabalho, demonstrar que o mesmo espaço de resistência é também um espaço de convivência e a cultura que luta por seu espaço é também a banda que se apresenta. Neste embate entre os discursos nacionais temos a formação de um discurso paralelo, ao mesmo tempo soma e diminuição de todos os demais.

Para as bandas de música de imigrantes italianos em Campinas coube o papel de agentes neste processo, dispersando um repertório e técnicas específicas nos ambientes possíveis, uma didática não apenas musical, uma didática de seu discurso nacional único por meios musicais.

Aquilo que Hobsbawm chamou de o ‘drama do progresso’, que ‘para milhões de pobres transportados para um novo mundo frequentemente transpondo fronteiras e oceanos’ significaria ‘uma mudança de vida cataclísmica’ criou a possibilidade do embate apenas possível no encontro entre as culturas (HOBSBAWM, 1996).

Referências

ABREU, Alexandre José de. *José Pedro de Sant'Anna Gomes e a atividade das bandas de música na Campinas do século XIX*. Dissertação (Mestrado em Música), Instituto de Artes, Unicamp, Campinas (2010).

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras (2008).

BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas. Sobre a teoria da ação*. Papyrus Editora (1997).

CENNI, Franco. *Italianos no Brasil. "Andiamo in'Merica"*. São Paulo: Edusp . (2003)

ELIAS, Norbert. SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders, sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor (2000).

HOBBSAWM, Eric J. *A Era do Capital, 1848-1875*. Rio de Janeiro: Paz e Terra (1996).

JUNIOR, Geraldo Sesso. *Retalhos da Velha Campinas*. Campinas: Empresa Gráfica e Editora Palmeiras Ltda (1970).

MONTEIRO, Maurício Mário. *A Construção do Gosto. Música e Sociedade na Corte do Rio de Janeiro, 1808-1821*. São Paulo: Ateliê Editorial (2008).

PATEO, Maria Luisa Freitas Duarte do. *Bandas de Música e Cotidiano Urbano*. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Unicamp (1997).